

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 160

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 18300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

Cartas d'Algures

28 DE AGOSTO.

As consequencias, que derivaram d'esse alargamento da instrucção entre os povos protestantes, estão patentes. Todos as veem; todos as conhecem. Veem-se e conhecem-se no enorme progresso adquirido por esses povos sobre os povos catholicos.

Não é uma questão de raça, não é uma questão de caracter, não é uma questão de melhores condições physicas para a lucta pela existencia, como muitos pretendem e como pareceu pretender tambem o sr. J. C., ahi tão infeliz como quando nos trouxe a Polonia para exemplo; é, sobretudo, uma questão d'instrucção, uma questão d'educação.

O sr. J. C. vae atraz das opiniões dos sabios que transportaram para o campo social os principios darwinistas, sem repararem nas modificações fataes que elles tinham de sofrer quando applicados aos corpos sociais; vae com os que affirmam que a educação não tem acção sobre o caracter, que a raça, e só a raça, é o elemento decisivo na sorte das nacionalidades.

E' o que se deprehe de que o sr. J. C. escreve nos artigos de 27 de Julio, 3 e 10 de Agosto, quando diz que o mal da sociedade portugueza é um vicio de caracter, que esse mal, nos povos, não é outra coisa senão a envenenamento do tecido connectivo, que scientificamente se resume no estudo pathologico de uma sociedade que, n'um dado momento da sua vida organica, succumbe, por impotente, na lucta internacional pela existencia; que a causa da nossa ruina colectiva e da completa dissolvencia dos nossos costumes é muito menos um caso de deficiencia intellectiva, que um evidente phenomeno de depravação moral; que *jamais* a cultura das facultades intellectivas conseguiu melhorar determinadas preverções moraes, filhas, umas, de causas que poderemos fixar sob o attributivo de hereditarios, e que, consequentemente, pertencem ao grupo das funções organicas a que Darwin dá o nome de «mecanica mollecular»; originarias, outras, da *adaptação moral*, que é a negação do typo especifico, e que tende a modificar constantemente, pela influencia das condições exteriores, *habitos e usos*.

Concludentemente eu observo, continua o sr. J. C., que aos povos que, por motivos de uma ordem de phenomenos sociologicos, cuja analyse não importa agora ao meu exame, se deixaram absorver pela influencia deletéria de um meio vicioso ou deprimente, e que, com esse meio, evidentemente nocivo, se não julgam já incompativeis; a esses povos, que assim vão reconstituindo um caracter, que é o elemento dissolvente de toda a cohesão moral, e que perderam, portanto, todas as facultades connectivas, inherentes ao seu grupo, a taes povos a instrucção não pôde já moralmente beneficiar.

Quer dizer, para o sr. J. C., que emprega muitas palavras, mas que adduz muito poucas razões, ou nenhuma, nós somos um paiz irremediavelmente perdido. Intitula os seus artigos: «Valerá apenas instruir o povo?» e dá-lhe a resposta pela forma que se vê. Para elle, não vale a pena. E' trabalho inutil. E' tempo perdido.

Somos um paiz perdido. Isto dicto por um homem que é cotado como alta capacidade entre os republicanos, produz tristeza e indignação ao mesmo tempo.

Eu comecei estas cartas sem saber quem era o individuo designado pelas duas iniciaes. Supuz que fosse algum litterato com a mania da originalidade. Indignado, porque me pareceu um verdadeiro crime que um republicano, no proprio instante em que se tentava um novo esforço para o alargamento da instrucção popular, viesse contrariar esse esforço, lançando, novamente, a nota do desalento e do pessimismo, sempre bem accete n'um meio ocioso e estúpido, perguntei a alguns amigos quem era J. C. Quando m'o disseram, fiquei pasmado. Tive de reconhecer, porque era justo, que se tratava de um homem de talento e de um homem de bem. Mas o meu pasmo e o meu espirito de justiça não diminuíram a minha indignação.

Por isso mesmo que era um homem de auctoridade intellectual e moral, maior, para mim, era o crime por elle commettido. Um vulto republicano, um reformador, um Messias, a declarar Portugal um paiz irremediavelmente perdido, a concluir que não valia a pena instruir o povo!

Crime tanto mais prejudicial quanto é errado o ponto de vista do articulista do Norte. O sr. J. C. pôde ser um erudito. N'este ponto, a sua erudição deixa muito a desejar.

Não ha duvida nenhuma que uma sociedade pôde ser ignorante e ser honesta e não ser ignorante e ser deshonesta. O barbeiro do seculo XV, e os seus companheiros Pero e Serpa e Vicente Egas, não precisaram, evidentemente, de saber ler e escrever, para se sentirem affrontados pelas immoralidades da côrte. Mas isso não prova que seja inutil instruir o povo, ou que o barbeiro não houvesse feito o mesmo se soubesse ler e escrever. Não prova, tambem, que a superioridade moral não pertença, em regra, á superioridade intellectual. Não prova que os povos cultos não tenham supremacia sobre os povos cultos. «Que o desenvolvimento moral e o desenvolvimento intellectual não marcham sempre a par, é um facto de observação banal; vemo-lo frequentemente nas sociedades que se dizem civilizadas e o mesmo se nota na comparação das raças. Comtudo, em these geral, a actividade intellectual é, n'uma sociedade, a craveira de todo o grande progresso industrial, moral e social. N'este ponto, não ha contestação possivel no que toca á industria.

Para o desenvolvimento moral e social, a relação é menos evidente. Mas, em definitivo, a moral depende estritamente do genero de educação dado a uma serie de gerações e a qualidade d'essa educação está em rigorosa relação com a intelligencia do grupo ethnico. Da mesma maneira, o estado social é tanto mais alto, tanto mais conforme com a justiça quanto as classes dirigentes estão mais bem esclarecidas sobre os seus verdadeiros interesses e, sobretudo, quanto o seu olhar mais penetra longe, no futuro. Ora a providencia é o fructo, por excellencia, do desenvolvimento intellectual.» (Letourneau—*La Sociologie*, pags. 533—Paris 1880.)

Fouillée, no seu excellente livro *L'Enseignement au point de vue national*, sustenta, e muito bem, que a educação é, toda ella, uma obra de *selecção intellectual*; que a intelligencia é o grande instrumento da *selecção voluntaria*, um meio abreviado d'evolução, que accelera e realisa em alguns annos as selecções que teriam requerido seculos; que a instrucção é um *motor de primeira importancia* no mecanismo social.

«Os partidarios exclusivos da he-

reditariedade não descobrem que a sua doutrina é minada por uma contradicção secreta. Fazem-nos ver que a lei fundamental da hereditariedade é o regresso á media, mas não vêem que, por isso mesmo, a hereditariedade tende a annullar os seus proprios effeitos, no que elles tem de excepcional, para dar logar a acções diferentes da sua... Se as vossas leis fataes terminam por fazer triumphar a media, por nivelar as excepções, abaixando aquellas que são muito altas e elevando as que são muito baixas, não vedes que essas leis deixam o campo livre á acção da educação?... Se a experiencia dos seculos nos ensina que se não pôde, pela educação, modificar nem o talhe, nem a côr dos olhos, ensina-nos que se pôde modificar a intelligencia e a moralidade. O poder intellectual de um homem augmenta evidentemente com a instrucção. A quem não tem genio, a instrucção não lh'o dará, sem duvida, mas poderá fornecer-lhe uma somma consideravel de conhecimentos e de talento. O proprio genio, activo, sem instrucção, ficará estéril. Todos os raciocinios dos estatísticos sobre a fixidez do talhe e da côr dos olhos nada provam, absolutamente nada, contra o augmento possivel das capacidades intellectuaes moraes.

A historia demonstra que avançamos. Ao passo que o talhe, n'um mesmo povo, fica *invariavel*, assim como a côr dos olhos, a sua intelligencia media e a sua *aptidão* sofrem as variações mais evidentes, muitas vezes rapidas. Considerae os escocezes de ha dois seculos: era um povo sanguinario, vingativo, que excedia, no numero dos homicidios, a propria Sicilia e a Corsica. Hoje, segundo os estatísticos, o povo da Europa mais doce e mais inoffensivo, aquelle onde ha menos homicidios, menos assassinatos. O seu talhe, os seus olhos e a côr dos seus cabellos ficaram os mesmos, no tempo. Nota-se uma metamorphose analoga nos suissos, nos piemonteses, nos roumicos, nos cossacos e nos bulgares (1). Os antigos cannibae das Ilhas Marquizes são hoje pacíficos lavradores. Na China, o mongol é covarde; no Japão, é valente. Na Europa, o judeu é commerciante, banqueiro, usurario; na Abyssinia, aborrece o commercio e faz-se lavrador; no Caucaso, é guerreiro. O sr. Tarde tem toda a razão em dizer que não ha raça que não seja *civilisavel* ou *barbarisavel*. Compare a Grecia moderna á Grecia antiga, a Calabria actual á Grande-Grecia e descreveis da mais alta civilização á peor barbaria. Na historia de Roma o sr. Tarde vê «uma especie de grande e glorioso concurso aberto a todas as raças, de todas as proveniencias e de todas as côres, e em que cada uma d'ellas, alternativamente italiana, hespanhola, arabe, gaulesa, germanica, punica e ybica, ganhou o premio da eloquencia, da poesia, das armas e se assentou no throno dos cesares. E a christianização de tantas raças diversas não produziu metamorphoses ainda mais espantosas? Compare o germano christão ao germano d'out'ora, o russo christão ao yellico russo. Onde estão, pois, aqui, as fatalidades hereditarias e a impotencia da educação?»

A educação opera sobre a parte mais flexivel e mais malleavel do nosso ser, sobre a intelligencia, sobre o sentimento, sobre a vontade. Se não

(1) E em Portugal a mesma coisa. A nossa provincia da Beira, entre outras, era uma região de assassinos e ladrões.

pôde augmentar cinco centímetros ao talhe, pôde augmentar circumvoluções ao cerebro e cavar-lhe linhas que, sem ella, não teriam existido. Se, pois, a hereditariedade tende sempre a restabelecer o equilibrio medio, a educação pôde elevar o ponto d'esse equilibrio, fazer subir o centro d'ocillação, modificar a media normal para a qual a hereditariedade produzirá a regressão. Se a hereditariedade é a grande força de conservação, a idéa é a grande força de progresso: uma assegura a estatica e o equilibrio, a outra a dinamica e o movimento. Uma faz com que as aguas tomem sempre o seu nivel, mas a outra faz subir esse nivel.» (Pags. 11 a 21.)

As opiniões de Laveleye concordam perfeitamente com as de Fouillée e com as d'outros escriptores já por nós citados.

Para Laveleye a questão não é de raça; é de religião, é d'instrucção.

No seu excellento opusculo *Do Futuro dos Povos Catholicos*, que todos os portuguezes deviam ler, mostra-nos elle, como Fouillée, como Tarde, a mesma raça ora progressiva, ora estacionaria; ora productiva, ora estéril; ora no apogeu, ora na decadencia.

Como Bazalgette, como outros pensadores e philosophos, Laveleye entende que os destinos da França e da Inglaterra só se tornaram inteiramente diferentes a partir do seculo XVI quando os puritanos venceram os Stuarts e quando Luiz XIV, expulsando de França os protestantes, extirpou os ultimos restos da autonomia local e os unicos elementos de resistencia séria que se poderiam oppôr ao despotismo.

Os escocezes, e os irlandezes, continua Laveleye, são da mesma origem. Uns e outros foram submettidos pelos inglezes. Até ao seculo XVI a Irlanda era muito mais civilizada que a Escocia. Mas os escocezes adoptaram a Reforma e a Irlanda ficou fiel a Roma. A Escocia progrediu até ao ponto ao passar adiante dos proprios inglezes. A Irlanda ficou pobre, miseravel, escrava, decadente.

«Que contraste, na propria Irlanda, entre Connaught, exclusivamente catholica, e Ulster, onde domina o protestantismo! Ulster está rico pela industria, Connaught apresenta a imagem da ultima extremidade da miseria humana!»

Abstenho-me de fazer uma comparação entre os Estados Unidos e os Estados da America do Sul, ou entre as nações do Norte e as do Sul da Europa. Poder-se-hiam explicar as diferenças existentes pelo clima ou pela raça. Mas vamos á Suissa e comparemos a situação dos cantões de Neufchatel, de Vand e de Genebra (principalmente antes da emigração recente dos catholicos saboianos) com a de Lucerna, do Alto-Valais e dos cantões florestaes. Os primeiros sobrepuzam extraordinariamente os segundos, sob o ponto de vista da instrucção, da litteratura, das bellas artes, da industria, do commercio, da riqueza, do asseio, da civilização sob todos os seus aspectos e em todas as accepções.

Os primeiros são latinos, mas protestantes; os segundos germanos, mas sujeitos a Roma. O culto e não a raça é, pois, a causa da superioridade d'aquelles.

Transportemo-nos agora para um mesmo cantão, o de Appenzell, habitado no todo por uma população germanica inteiramente identica. Entre os Rhodes interiores catholicos e os Rhodes exteriores protestantes,

existe exactamente o mesmo contraste que entre os habitantes de Neufchatel e os do cantão de Lucerna ou de Uri. De um lado a instrucção, a actividade, a industria, relações com o mundo exterior e, por consequente, a riqueza. Do outro lado a ignorancia e a pobreza.» (Emilio de Laveleye—*Do Futuro dos Povos Catholicos*, traducção portugueza do dr. Miguel Vieira Ferreira, pags. 6 e 7—Lisboa, 1883.)

«A causa d'este contraste é evidente e tem sido muitas vezes assignalada. O culto reformado repousa sobre um livro: a Biblia; o protestante deve, pois, saber ler. Por isso a primeira e a ultima palavra de Luthero foi: Instruir as creanças é dever dos paes e dos magistrados, é um mandamento de Deus. O culto catholico, pelo contrario, repousa sobre os sacramentos e sobre certas práticas, como a confissão, a missa, o sermão, que não exigem a leitura. Saber ler não é, pois, necessario; é antes um perigo, porque abala necessariamente o principio da obediencia passiva sobre o qual se apoa todo o edificio catholico. A leitura é o caminho que conduz á heresia. A consequencia evidente é que o padre catholico será hostil á instrucção ou, pelo menos, que jámais fará tantos esforços para derrama-la como o ministro protestante. A organização da instrucção popular data da Reforma. A instrucção sendo muito favoravel á prática da liberdade politica e á produção da riqueza, e favorecendo o protestantismo a diffusão da instrucção, ha n'este ponto uma causa manifesta de superioridade para os Estados protestantes.» (Idem, pags. 12-13.)

A questão é de raça, dizia-me ha tempos um homem que passa por muito erudito: Nós somos semitas.

Qual raça? E' de raça, afirma, entre outros, categoricamente Gustavo Le Bon, no seu livro *Lois Psychologiques de l'évolution des peuples*. «O verniz de civilização europeia que cobre actualmente o Japão não corresponde de nenhum modo ao estado mental da raça. E' um miseravel habito d'emprestimo que bem depressa será despedaçado por valentes revoluções.» (Pags. 67.)

Esta prophecia é talvez um pouco ridicula. O Japão, que está ainda em via de formação, pôde passar e ha de passar, naturalmente, por algumas revoluções, sem que isso prove a these de Le Bon. Por ellas passou a Inglaterra, que constitue o typo modelo de raça para o escriptor citado. Mas bem. Admittamos que a raça mongolica não é capaz da civilização da raça europeia, que, na verdade, parece ser superior a todas as outras. Em todo o caso, lá está evidenciado o poder da instrucção. E' tamanho, que sendo a raça mongolica inferior á raça europeia, o Japão está superior, n'este instante, a algumas nações da Europa. Já é escusado compara-lo com a China, nação da mesma raça.

Topinard, no seu livro *L'Homme dans la nature*, não accete como incontestaveis nem os caracteres ethnicos de raça, ou physiologicos, nem os caracteres psychicos. «E' natural que os loiros, que habitam os paizes septentrionaes, tenham mais actividade que os morenos, que habitam os paizes quentes; que as populações, que chamamos celticas, geralmente vencidas, sem historia, e refugiadas nas montanhas, tenham adquirido, n'estas, gostos sedentarios; que os judeus, párias de toda a christandade ha 1:800 annos, tenham procurado no dinheiro uma compensação... Tal caracter intellectual ou moral

é natural, ou accidental? E' effeito da raça, das instituições, ou da educação? Ninguém contestará que o egoismo ou o altruismo, a religiosidade ou o livre pensamento possam depender das circunstâncias mais ainda que dos attributos da substancia cerebral. (Pags. 19 e 20.)

Mas se a questão é de raça, vamos á ultima hypothese, estamos nós, portuguezes, muito bem. Nós não somos semitas, como pretendia o outro erudito. Temos mistura de sangue semita, — e sangue misturado é o de toda a Europa, — com sangue aryano, em parte do paiz. Mas temos o legitimo e puro sangue aryano, na parte restante, se não mente o sr. Theophilo Braga. No seu livro A Patria Portuguesa sustenta esse senhor que o sangue arabe nunca se estendeu da Villa da Feira para cima. E antes dos arabes nunca os phenicios conseguiram dominar as colonias gregas em Aveiro e norte de Portugal. Segundo o sr. Theophilo Braga, as mulheres de Aveiro, Maia e outros pontos do littoral norte do paiz ainda hoje traduzem fielmente o typo classico das mulheres gregas.

Mais um motivo para valer a pena instruir o povo.

Decididamente o sr. J. C. estava com caveira de burro quando se meteu a escrever sobre analfabetismo.

A. B.

Maneira de fazer fortuna

O diario de Lisboa O Dia, apresentou ha dias a seguinte receita para se enriquecer em meia duzia de mezes.

— Kadiño, 40:000 kilos a 25 réis, 1:000\$000; Farinha, 120:000 kilos a 90 réis, 10:800\$000; Serrina, 30:000 kilos a 5 réis 150\$000; Casca de arroz, 10:000 kilos a 10 réis, 100\$000; 200:000 kilos ou réis 12:050\$000.

Venda: 200:000 kilos de farinha a 100 réis, 20:000\$000. Roubo, digo, lucro, 7:950\$000 réis.

Réis 7:950\$000 x 12 = 95:400\$000.

Abatendo o trabalho ao mixórdio, rendas, ordenados e gratificações, 15:400\$000 réis, ficam liquidos 80:000\$000 réis.

O SR. JUIZ PINTO

O sr. Mattoso anda pouco satisfeito com a má vontade que se vae manifestando contra o juiz Francisco Antonio Pinto. E dá ordem aos pasquins que lhe obedecem para sahirem em defeza do homem!

Tenha paciencia, sr. Mattoso. Olhe que a defeza de Bichezas e quejandos é peor que o silencio.

Diga ao Bicheza que se cale. Parece que o sr. Mattoso vae perdendo o tino com a idade!

Comprehendemos que o sr. Mattoso não ande satisfeito. A culpa de nós termos ás costas o celebre Pinto, já agora celebre visto que não tem medo de bichos, é o sr. Mattoso. Foi o influente da Oliveira quem nos deu o nosso juiz. Mas agora aguenté-se.

O homem não tem medo de bichos. Tão pouco que até é favorito dos Bichezas. Não tem medo de bichos, nem se trata d'isso. Antes concordamos. Não tem medo de bichos? Está bem. Vê-se perfeitamente que não tem. Mas nós é que temos medo d'elle. Nós todos, aveirenses, que queremos estar sujeitos á justiça, mas só á justiça.

Ora d'isso é que se trata. O sr. Pinto não tem medo nenhum de coisa nenhuma. E' valente. Apregoa a sua valentia. Apregoam-na os amigos. Pois por isso mesmo é que nós queremos que se lhe tire da mão a vara da justiça.

Nós não contestamos. E' valente, é. E' destemido. Não tem medo de feras, nem de selvagens. Não tem, não. Mas nós é que temos medo de tanta valentia.

Valente e de vara da justiça na mão, é perigoso.

Os cidadãos são geralmente tímidos. Não se dão bem com caçadores de feras.

Caçar feras é muito mau tirocinio para magistrado.

Bello caçador de feras, o sr. Francisco Antonio Pinto. Destemido explorador dos sertões. Querem que seja isso? Pois seja. Mas muito mau juiz, talvez, precisamente, por ser bello caçador de feras e destemido explorador dos sertões.

Maneja bem a espingarda e o varapau? Então é muito justar-lhes a vara da justiça.

Deixem-lhe a espingarda de caçador de feras e o varapau de valentão sertanejo. Mas tirem-lhe a vara da justiça.

E ficamos todos amiguinhos e de accordo.

De plenissimo accordo. Não contestamos que o sr. Pinto não tenha medo de bichos. Tanto não tem que todos os Bichezas sahem a campo por elle. Não contestamos que elle não seja caçador de feras. Basta olhar-lhe para a cara para se vêr que está alli um caçador de feras.

Só contestamos que elle, depois de poder com tantas prendas, possa ainda com a vara da justiça. Só nos parece que a vara da justiça é muito perigosa em mãos affeitas a empunhar espingardas nos sertões e varapaus nas aldeias.

E os Chicas, se reflectirem um pouco, e os Bichezas, hão de nos dar razão.

Um juiz deve ser um homem das cidades e não das selvas. Deve ser sério, mas não fero. A vara da justiça é uma vara muito leve. Só deve ser manejada por mãos leves tambem.

Ora sendo o sr. Francisco Antonio Pinto um mãos callosas, sendo o sr. Francisco Antonio Pinto um homem das selvas, um caçador de feras, não é forçar a logica admitir que s. ex.ª tenha contrahido feitiços e habitos incompativeis com a deliendeza, finura e mansidão de um juiz.

O juiz quer-se integro, mas manso. Sério, mas pacífico. Ora o sr. Pinto, na opinião dos seus proprios defensores, é fero, é bravo, é valentão, é homem de seis centas pipas. Logo, não pôde ser juiz.

Dêem-lhe o varapau de aldeia e a espingarda das selvas, mas tirem-lhe a vara da justiça. E ficamos todos accordes em considerar o sr. Francisco Antonio Pinto uma excellente creatura.

Não é do varapau nem da espingarda de sua ex.ª que nós temos medo. E' da varinha da justiça.

Abaixo a varinha da justiça e saia o homem á estacada com o varapau de valentão.

Ahi medimos forças. Não temos medo. Nem mesmo que s. ex.ª traga os Caganificancias, os Tinhosos e mais sucios de reforço. Não temos medo.

Ora percebeu o illustrissimo e excellentissimo sr. Mattoso? Ora perceberam os Chicas e os Bichezas?

Mande calar os Chicas, sr. Mattoso. Mande calar os Biche-

zas. Todos viram já o inconveniente, de terem deixado ladrar, isto é, de terem açulado o Cabeçinha. Nós nem aos fraldiqueiros permitimo que ladrem impunemente. Mande-os calar, sr. Mattoso. Olhe que quanto mais elles falarem, a favor do juiz, peor é. Principalmente sendo certo que o primeiro jornal que em Aveiro atacou o juiz foi o pasquin onde já se declarou que não se escreve lá senão aquillo que v. ex.ª manda. Principalmente sendo certo que temos á vista varias minutas e documentos publicos onde um senhor doutor, que é hoje muito da corte de v. ex.ª e muito cauteloso do sr. Jayme de Magalhães Lima, dirige as peores insinuações ao sr. Francisco Antonio Pinto.

Mande os calar, sr. Mattoso.

Senão, a coisa vae longe; como de costume.

Dr. Casimiro de Vasconcellos

Este illustrado medico vizienze acaba de perder, em poucos dias, dois queridos filhinhos, que eram o seu enlevo e de sua extremosa esposa.

Avaliamos bem a dôr suprema por que o coração do dr. Casimiro de Vasconcellos e de sua esposa vem passando neste momento de tristezas.

A suas ex.ª a expressão da nossa magua.

O NOVO HOSPITAL

Mais uma obra construida em pessimas condições.

Tem sido o Povo de Aveiro o unico periodico que tem estado na brucha a combater todas as asneiras, tydas as porcarias levadas a effeito nesta terra. Sempre foi a favor parte das vezes contra a opinião da grande maioria.

O quartel ainda hoje é tido para muitos como uma maravilha. Ainda ha pouco nos referiram um facto engracadissimo. Quando o ministro da guerra visitou Aveiro, ia atraz d'elle um Bicheza apresentando o quartel como o primeiro do mundo!

A tal ponto chega a audacia d'estas cavalgadas.

O Povo de Aveiro demonstrou todos os grandes erros, todos os grandes desordens commettidos na construção do quartel. Demonstrou-o precisamente no instante em que se estava realisando a construção. Teve de ser violento. Vin-se obrigado a chamar cavalgada ao engenheiro.

Tal era a corrente contraria á nossa opinião.

Com o tempo, ficou a nossa campanha plenamente justificada. Todos os engenheiros e medicos militares tem sido unanimes em apontar os grandes erros de construção do quartel, precisamente os mesmos erros que, antes d'esses cavalheiros, o Povo de Aveiro aqui tinha indicado e censurado. Parece que a esse respeito é notavel, em particular, o ultimo relatório feito pelo actual capitão medico de infantaria 24.

E as cavalgadas a' apregoa-rem, ainda hoje, pregão lançado a todos os ventos quando foi da transferencia de cavallaria 7, que o quartel é o melhor do mundo! Que atrevidissimos brntos!

Com o lycen, succeden a mesma coisa. Se não fôra o Povo de Aveiro estaria de ha muito inutilizado aquelle edificio.

A mesmissima coisa com a estatua de José Estevão. Os sabios, os artistas, fizeram todos os esforços por inutilisar a estatua. Do Jados dos sabios, dos artistas esteve a cidade em peso. Só o Povo de Aveiro, com a maioria da commissão da estatua, esteve do

lado opposto, publicando successivos artigos para provar a asneira que se ia commetter. Não obstante, ficaria vencido, com a maioria da commissão, tal era a corrente estabelecida na cidade contra nós, se não fosse a intervenção do proprio auctor da estatua que teve de vir a Aveiro dar-nos razão, e então, perante a sua auctoridade, todos se curvaram.

Sucia de brutos! A cidade estava sempre á mercê d'uma sucia de brutos!

Ainda na questão do Mercado empregamos todos os esforços para que se fizesse uma obra util, em vez da porcaria que ahi ficou.

Agora, com o novo hospital, succeden a mesma coisa.

O local do novo hospital é inconvenientissimo. E' mais uma obra perdida. Agui deixámos. Agui deixámos, a tempo, expressa a nossa opinião.

Vejo o fallecido visconde da Silva Mello dizer-nos que não era possivel já, sem grandes sacrificios, escolher outro local. E nós, vendo que o visconde da Silva Mello queria vêr na nossa attitude um acto de velha hostilidade contra elle, não insistimos.

Mas, repetimos, deixámos bem expressa a nossa reprovação ao acto que se ia commetter.

Ha dias, um medico muito illustrado e intelligente, em conversa connosco, fora de Aveiro, censurou os dirigentes da cidade por levarem por deante uma monstruosidade d'aquellas.

Uma verdadeira monstruosidade, exclamava elle!

Replicámos-lhe que não ia por deante com o nosso voto. Que a a tinhamos indicado. Que a tinhamos reprovado.

— Pois volte a reprova-la, que presta com isso um bom serviço á terra.

— E' tarde.

— A cidade ainda ganharia tudo em abandonar as obras para ir fazer o edificio n'outra parte. Perdia-se muito menos com isso, que levando, em tal sitio, as obras por deante.

Não temos a valloidade de suppor que as cavalgadas indigenas seriam capazes de tal reconsideração. Não trazemos a lúne a conversa com tal intuito. A nossa ingenuidade não vae tão longe. Fazemo-lo, apenas, para que todos vejam que é tamanho o erro commettido que um homem da especialidade, intelligente e illustrado, não hesita em considerar muito menor perda abandonar as obras, na altura em que estão, que continua-las n'aquelle sitio.

Tudo assim, em Aveiro. Tudo assim na terra onde folgam Chicas, Cabeçinhas, Tinhosos, Bichezas, Caganificancias, Mijaretas e quejandos.

Voltaremos ao assumpto.

O padre santo e os casamentos

Parabons a todo o mundo catholico, especialmente ás irmãs da caridade e ás beatas de capote e lenço.

Sua Santidade com aquella hyperagudeza intellectual que duplamente lhe vem da sua natureza santissima e senil acaba de fazer uma descoberta, que excede em novidade e inauditismo a propria função essencial, sem a qual ninguém de boa saude pôde passar todos os dias.

Descobriu Sua Santidade que os spouses consaguineos são prejudiciaes á propagação da especie, quando se trate da especie de sangue azul, e n'este intuito botou ao mundo da christandade encyclica obstretica, destinada a cohibir o casamento entre principe consaguineos.

E' de pascar como estas coisas da sciencia chegam tão depressa ao vaticano! — (Da Democracia do Sul).

"Povo de Aveiro,"

Em Lisboa, na tabacaria

Monaco.

Os bandarras foram ao Bus-saco cumprimentar o sr. Mattoso. Entre elles ia o Barão do Vidro e Marechal de Liliput.

Esta situação dos bandarras é tudo quanto ha de mais comico. Quando elles affirmam que os srs. Mellos, d'Agueda, são tudo, não fazem mais do que exprimir, inconscientemente, uma opinião sincera. Querendo vellhacamente comprometter os influentes d'Agueda não fazem mais do que deixar patente a propria insignificancia.

Emquanto o sr. Jayme Lima era regenerador, a situação dos homens comprehendia-se. Mas hoje?

A patrulha francacea tem o mesmo destino que teve o partido constituinte, a esquerda dynastica ou a liga liberal. E depois? O sr. Lima volta a ser regenerador? Volta a ser progressista, porque tem sido tudo sem ser nada?

E enquanto não volta a ser regenerador ou progressista, que situação é a do triste bando que o excellentissimo representa?

E' de tal ordem que descaradamente confessam que quem pôde tudo são os senhores Mellos, d'Agueda.

Os senhores Mellos pôdem tudo com os regeneradores no poder. Não porque elles sejam regeneradores, que sempre foram retintos progressistas. Mas porque não havendo em Aveiro senão francaceos e progressistas, o governo, a ter de se inclinar para alguns, naturalmente se inclina para os progressistas.

Calem os regeneradores e vão os progressistas ao poder. Que fazem os bandarras? Ague-ram-se ao sr. Mattoso para apanharem d'elle alguma coisa. Mas é difficil que o sr. José Luciano venha a fazer o jogo dos bandarras.

O sr. José Luciano não admite, não pôde admitir a conducta do sr. Mattoso. Este senhor, dizendo-se progressista, não só contraria a politica progressista sempre que isso lhe convem, como desacata, como hostilisa seu proprio irmão. O sr. José Luciano apoia em Aveiro a politica do sr. Albano de Mello. O sr. Mattoso combate a vivamente.

Basta isto para mostrar a incompatibilidade politica e pessoal que existe, que existiu sempre entre os dois irmãos.

O sr. José Luciano tolera o sr. Mattoso unicamente por elle ser seu irmão. «Eu posso fazer tudo, diz o sr. José Luciano aos seus amigos, menos que elle deixe de ser meu irmão». E estas palavras explicam a situação dos dois homens.

Ora, como irmão, não como politico nem como amigo, pôde o sr. José Luciano fazer favores ao sr. Mattoso. Mas irá a sua condescendencia até ao ponto de prejudicar, com esses favores, a politica progressista em Aveiro?

Ninguém o acreditará.

O sr. José Luciano não vae fazer favores ao sr. Mattoso para engrandecer a politica do sr. Jayme Lima. E eis como este senhor se acha mettido n'um beco sem sahida!

Com os regeneradores não faz nada. Com os progressistas nada poderá fazer.

Razão tem elles, portanto, para proclamar que quem pôde tudo, em Aveiro, são os srs. Mellos, d'Agueda!

Se os srs. Mellos podessem retirar ao sr. Lima a influencia que lhe vem do Banco de Portugal, nem o Barão do Vidro e Marechal de Liliput ficaria uma hora junto do morgado do Carmo.

O bando francaceo reduz-se a meia dúzia de pobres diabos que vivem dos favores do Banco de Portugal. Esses mesmos, cada vez hão ir a menos.

E elles proprios o confessam. Elles proprios proclamam a sua impotencia quando attribuem aos srs. Mellos toda a força e poder. E são estes os insignificantes que tentam ainda illudir a opinião da cidade!

Praça de touros—Tres corridas no Pharol

Anda-se construindo com muita actividade na Praia do Pharol uma praça de touros, onde se realisarão tres deslumbrantes corridas nos dias 14, 28 e 29 de setembro. O gado é dos vastos campos das Lezírias, apartados expressamente para estas corridas das manadas de um opulento creador.

Os artistas de pé e o cavalleiro que n'ellas tomam parte são de reputação conhecida e muito apreciados do publico lisbonense.

A construcção da praça foi confiada ao habil artista aveirense, sr. Manuel Maria Moreira, que se promptificou a dar os trabalhos concluidos no dia 13.

Os emprezarios que são os srs. Manuel Maria dos Santos Freire, João da Costa Ferro e Antonio Joaquim Gloria a quem se deve a iniciativa, não se poupam a esforços e despezas a fim de levarem a cabo as tres corridas de bravissimos touros, e com elementos de primeira ordem.

Quem havia de dizer que ainda teriamos uma praça de touros na Praia do Pharol?

E', pois, de esperar que ali concorram muitos aficionados, principalmente de Aveiro, Ihavo, Vagos e Costa Nova.

O respectivo programma será em breve distribuido ao publico.

CARTAS DE NENHURES

Continuemos a preciosa carta que estamos publicando:

«E aqui tem o que pude agarrar e que relato com muita pressa, por ter muito que fazer.

Pode ser que haja deficiencia mas é este o fundo da discussão que levou 3 horas em conferencia secreta dos 3 juizes.

O meu amigo não precisa conselhos. Parecia-me no entretanto conveniente não agredir o R.; eu trata-lo-hia ao contrario, demonstrando-lhe todavia que foi pouco energico e que perdeu uma bella occasião de desaffrontar a cidade e a comarca, exauctorando por completo um homem que é juiz, que a está prejudicando moral e materialmente pondo a justiça á disposiçao de compadres e amigos, e a lei ao sabor de caprichos, odios e amizades.

Elle R. que se diz tão amante da sua terra, do seu progresso e que no seu emprego é tão exigente e cauteloso.

O A. C. merece todos os elogios, fazendo-se ver que elle como juiz não quiz condemnar o P. de A., porque n'esta comarca se está no costume de absolver

personas como a B. V. e como o J. Era o que eu faria, e o que aqui seria recebido muito bem, pondo o P. pela rua da amargura.

Vamos appellar, como deve saber, e a seu tempo darei mais informações.

CASOS DO JUIZ

O Delegado, n'aquelle celebre processo conta o V. O. por causa do s. d'az. que empandeirou o desgraçado da M., requereu o julgamento e a puniçao do V. e do pequenito que tem 12 annos, que ao tempo era praticante.

O juiz mandou só responder o pequeno exemptando de responsabilidade o V. O.

O juiz condemnou umas mulheres de L. em oito dias de multa e nas custas e sellos do processo, porque estas haviam batido n'outras. As condemnadas que são pobres vieram requerer para pagar em 3 prestações mensaes as custas, sellos e multa, o que o juiz deferiu mandando que as custas fossem pagas em prestações eguaes e nos dias 28 de fevereiro, 29 de março e 29 de abril.

As auctoras veem com um requerimento para execucao contra as desgraçadas pelas custas que lhes pertenciam. Estas vão com um requerimento e dizem que a execucao é extemporanea pois que o praso de pagamento só acabava em 29 de abril e portanto deve julgar-se extincta a execucao.

O juiz diz que a suspende até 29 de abril e n'este dia as custas estão pagas integralmente. As pobres vão com um requerimento pedindo que a execucao se julgasse extincta e que as custas d'ella fossem pagas por quem lhe deu causa tão extemporaneamente. O juiz manda responder o delegado: este diz que as custas não podem deixar de ser pagas pelas auctoras, isentando-se as pobres rés do seu pagamento.

O juiz manda responder as auctoras: estas só allegam falsidades. O juiz despacha contra as rés. Vão certidões de tudo que peço guarde cuidadosamente. E que tal? Mas não é tudo. Temos mais ainda. Continuaremos.

PEQUENAS NOTICIAS

Partiu para Estarreja acompanhado de sua familia, onde tenciona demorar-se algum tempo, o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão, illustrado official do governo civil d'este districto.

Recebemos e desde já agradecemos, um elegante voluminho, muito bem impresso, que nos foi offerecido—*Glycinias e Violetas*—devido á scintillante penna d'um nosso intelligente patriota, o sr. Arthur Veiga, filho do antigo ex-agente n'esta cidade, da *Companhia Singer*, sr. Thomé Pereira Veiga. Vamos enviar ao respectivo redactor, que, decerto, fará a sua critica, sincera e imparcial.

Está-se vendendo no mercado de Aveiro por 325000 réis o barco de sal e com tendencias para subir.

O apontador de 1.ª classe sr. Francisco Antonio Nogueira Santos, foi collocado na direcção das obras publicas de Aveiro.

Foi contractado para im-

pressor da Imprensa Nacional de Moçambique, com sede em Lourenço Marques, o nosso patriota e amigo Eduardo José Mendes Leite.

Vão realizar-se algumas corridas velocipedicas no proximo ximo domingo 7 de setembro, da Barra á Ponte da Dobadoura. Dizem-nos que são promovidas pelo *Recreio Artístico* e pelos delegados em Aveiro da *União Velocipedica*.

E' um bello passatempo para os amadores.

Em Avellãs d'Amborn, concelho da Guarda, nasceu, ha dias, uma creanca do sexo feminino com 4 braços e a cabeça muito defeituosa.

Diz-se que está para breve uma nova reforma de fazenda.

Na caixa das esmolas do Senhor da Saude, em Caddellas, foi encontrado um envelope contendo cinco notas de 205000 réis.

Quem seria o toleirão? Falleceu, na Certã, com a bonita idade de 115 annos um individuo de nome Manuel Antonio.

A Assistencia Nacional aos Tuberculosos vae distribuir pelo paiz instrucções sobre a fórma como devem ser alimentadas as creanças de tenra idade, e quaes os cuidados que deve haver com determinados alimentos taes como: leite, fructas, etc.

Um patife de nome João Ferreira da Costa, de 19 annos, natural de Braga, tentou agredir, ha dias, seu proprio pae, chegando a descarregar uma bengalada que acertou n'um irmão menor, ferindo-o na cabeça.

Que mariola! No arsenal da marinha, em Lisboa, descobriu-se um grande roubo de que foi principal auctor um commissario naval.

CASOS TRISTES

Incendio—Duas creanças carbonizadas

Dizem de Vizeu que na penultima sexta-feira, pelas 9 horas da manhã, se manifestou um violento incendio n'uma casa nas proximidades da cidade, junto ao *Pontão do Raposo*, no caminho da Escluela, pertencente á viuva do sr. Francisco Cardoso, e que era habitada pela familia do trabalhador Manuel Alves.

A casa era pequena e velha, e além d'isso continha bastante palha, ardendo rapida e totalmente, de maneira que quando os soccorros chegaram não restava mais que as desmaneladas paredes.

O incendio rompeu com violencia, começando na loja do predio propagando-se ao andar superior.

Os bombeiros voluntarios e os bombeiros municipaes nada puderam fazer mais do que trabalhar no rescaldo e procurar nos escombros os cadaveres de duas innocentes creancitas do sexo feminino, uma de 9 e outra de 7 annos, que a um rasgo de heroismo do ex-cabo graduado dos bombeiros municipaes, sr. Antonio dos Santos Niz, foram arrancados do medonho brazeiro na esperança ainda de as trazer com vida. Mas puro engano. Triste illusão!

As infelizes meninas não puderam fugir porque os paes, quando sahiram de casa, fecharam as portas para ellas não irem para o campo.

Do predio, como acima se diz, ficaram as paredes, dos farrapos ficaram as cinzas; mas das filhinhas queridas ficou apenas a saudade pungente, dilacerante.

Foi Antonio dos Santos Niz um bravo pela seu corajoso e humanitario feito.

E não haverá uma recompensa para este benemerito, que arriscou a propria vida?

Em Sobreira, concelho de Cabeceiras de Basto, ficou ha dias horriavelmente queimada uma creancia, filha de Sabino Teixeira,

que, estando só em casa e proximo do lume, se lhe incendiou a roupa, ficando a desgraçadinha em misero estado.

O que é para lamentar é que não obstante tão repetidas e cruéis lições ainda haja quem feche creancinhas em casa, deixando lume acceso ou phosphoros em logar que lhe possam chegar!

Drama de loucura

No logar de Coelheira, freguezia de Candal, concelho de S. Pedro do Sul, deu-se no penultimo sabbado uma scena horrorosa.

Custodia de Pinho n'um accesso de loucura, assassinou a golpes de foice, o seu proprio filho, creanca de tres annos, por quem ella anteriormente tinha extremos de affecto e de carinho. A desgraçada havia um anno, que perdera a razão, em consequencia do abandono em que a deixou o pae do seu desditoso filho.

Era horriavel o aspecto do pequeno cadaver, golpeado no craneo, face e ventre.

COISAS DE LONGE

A tuberculose bovina—Debate entre medicos

Está interessando vivamente a opinião publica e dando logar a importante debate entre os medicos mais celebres, de cujo numero faz parte o notavel professor allemão Kock, a questão que tem por base saber-se se a tuberculose bovina é ou não transmissivel ao homem; experiencia a que se sujeitou o dr. Garnault, medico francez, inoculando no braço esquerdo os microbios de uma vacca tuberculosa.

O assumpto, segundo diz o correspondente particular de Londres para o *Commercio do Porto*, promete tomar maior interesse, por existir grande divergencia de opiniões entre os medicos francezes e que alguns d'elles são os primeiros a tomar a defeza do sabio allemão, accusando o seu collega de ter unica e simplesmente querido armar ao effeito, fazendo fallar d'elle.

Do que não resta a menor duvida é que a inoculacão praticada pelo dr. Garnault segue o seu curso e que se ha medicos que descreem da experiencia feita, outros não duvidam afirmar que ella será fatal para o seu collega.

Um gatildido

Ha já muito tempo que os negociantes e os habitantes do bairro da Gare, em Paris, andavam apprehensivos com o constante desapparecimento dos seus queridos gatos. Um individuo, que até á pouco escapara a todas as pesquisas, movia aos pobres bichanos uma guerra de exterminio. Ora, na manhã de domingo passado, os guardas da paz, ao passarem pela Avenida da Italia, viram, mesmo em frente do predio n.º 151, o passeio juncado de cabeças de gato cortadas de fresco e de pelles dos ditos, tambem tiradas de fresco. Interrogando a porteira e os visinhos, souberam que o matador de gatos era um individuo de nome Henrique Varé, de 27 annos de idade.

Este, convidado a ir ao commissariado de policia, recusou-se formalmente a isso e, terrivel e feroz, como os agentes quizessem conduzi-lo até lá, travou com elles uma lueta medonha, tornando-se precisas, nada menos de cinco pessoas para o arrastarem á presenca do commissario que, depois de um simples interrogatorio, o mandou encarcerar.

Varé matava os gatos para os comer calculando-se que, em um mez, deu cabo de 300!

Sempre ha gostos!

O vulcão do Monte Pelado

Dizem de Madrid, em data de 28:—O commandante d'um vapor que acaba de chegar a Nova York,

vindo da Martinica, diz que na quinta-feira penultima ao meio dia estava em frente de S. Pedro na occasião em que o vulcão do Monte Pelado arrojava consideravel quantidade de cinzas, fumo denso e materias incandescentes.

Accrescenta que era tão espesso o fumo, e tão consideravel a chuva de cinzas, que o espaço estava obscurecido n'uma extensão de cinco kilometros.

Sobre o vapor, que se encontrava a uma distancia de 8 kilometros, cahiram com abundancia tambem, as cinzas do vulcão.

A guerra anglo-boer—Os primeiros e ultimos tiros

Os primeiros tiros na campanha anglo-boer, que durou 2 annos, 7 mezes e 20 dias, foram disparados na noite de 12 de outubro de 1899 na estação do caminho de ferro de Kraarpon a 40 milhas ao sul de Mafeking, 30 horas depois de espirar o *ultimatum* boer. Os ultimos tiros de guerra parecem terem sido no dia 4 de junho de 1902, perto de Vereeniging.

Um crime extraordinario—Assassino para salvar um filho

Deu-se em Salamanca um extraordinario crime, perpetrado em Poela Nueva, localidade proxima d'ali.

Uma rapariga, Mocrina Daba, appareceu ha dias assassinada e com mutilações horribes. A auctoridade pôz-se em campo, conseguindo averiguar que o criminoso fóra um tal Eugenio Cantero. Os motivos d'uma estranha singularidade, foram estes: Dois filhos do assassino haviam fallecido ha pouco victimados pela tuberculose e um outro estava atacado do mesmo mal. Como dissessem ao Eugenio que nas creanças a tysicia se curava dando-lhes a beber o sangue d'uma creança sã, e como elle quizesse salvar o filho que lhe restava, matou a Mocrina Daba, dando a beber ao filho o sangue da sua victima!

«O OCCIDENTE»

Em todos os numeros tem sempre *O Occidente* motivo de interesse e novidade em suas gravuras e artigos. As gravuras do n.º 851 são: retrato do sr. Bispo Conde, fundador do novo Sanctuario de Lourdes na Carregosa, com quatro magnificas gravuras representando a Igreja, o Retabolo e o tecto do dito Sanctuario e uma vista da quinta e casa da Costeira, em Carregosa, solar do sr. Bispo Conde; O Real Theatro de S. Carlos, retratos dos maestros Joseph Haydn, Hector Berlioz, Sebastian Bach e Frederic Haendel; Abalroamento do *Corsica* no Tejo, salvamento dos passageiros e bagagens.

O texto é: *Chronica Occidental*, por D. João da Camara; *Sanctuario de Lourdes em Carregosa*, por Marques Gomes; *As nossas gravuras*; *O Real Theatro de S. Carlos*, por F. da Fonseca Benevides; *Uma noite na floresta*; *Meteorologia*; *Publicações*, etc.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril **Singer**, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

ANNUNCIOS
BREAK
VENDE SE um quasi novo. Nesta redacção se diz com quem tratar.

SAPATARIA REIS
R. DOMINGOS CARRANCHO
(A'S CINCO RUAS)
AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

ALVARO DE MORAES FERREIRA
MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

CONSULTORIO DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.º
Aveiro

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

BAGAGOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagagos para alimentação de todos os animaes.

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.
VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.
EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.
A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.
SENHOR EU, de Farina.—1 vol.
Cada volume, 100 rs.
Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COSINHA PORTUGUEZA
ou
ARTE CULINARIA NACIONAL
COLLABORAÇÃO DE SENHORAS
(Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém:—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 85), 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155.—Total 795.

A' venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartanagem, 700. Idem 760 réis.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA
Os Mystérios da Inquisição

POR
F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, exaltam-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas daquelle época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanais de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'esto grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas.....	60 réis
Cada vol. brochado..	1.500 »
Obra completa (4 vol)	6.000 »

A assignatura por fasciculos pode ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua de Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)
Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis
A' venda na Livraria Elysio—Rua Formosa, 282

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR
JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA
ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"
Fundada em 1862

EM
Kaiserslautern

são estas as melhores machinas de costura

- A machina PFAFF para costureiras.
- A machina PFAFF para alfaiates.
- A machina PFAFF para modistas.
- A machina PFAFF para sapateiros.
- A machina PFAFF para seleiros.
- A machina PFAFF para corrieiros.
- A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensinio gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os sistemas.
Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe
AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?
tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entredo e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES
Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis
A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ARMAZENS DA

BEIRA-MAR

DE
MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).
Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e cordas funerarias.
Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79